

Esther Angélica Luiz Ferreira
Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff
(Orgs.)

Anais do I Congresso Brasileiro de Dor Infantil e Cuidados Paliativos Pediátricos

I Congresso Luso-Hispânico de
Cuidados Paliativos Pediátricos

I Simpósio de Tecnologias
em Saúde Infantil

@REDEPALIATIVOSPEDBRASIL



**REDE BRASILEIRA DE
CUIDADOS PALIATIVOS
PEDIÁTRICOS**

São Carlos
2024

Esther Angélica Luiz Ferreira
Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff
(Orgs.)

Anais do
**I Congresso Brasileiro de Dor Infantil e
Cuidados Paliativos Pediátricos**

I Congresso Luso-Hispânico de
Cuidados Paliativos Pediátricos

I Simpósio de Tecnologias
em Saúde Infantil

@REDEPALIATIVOSPEDBRASIL



REDE BRASILEIRA DE
CUIDADOS PALIATIVOS
PEDIÁTRICOS

São Carlos
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Esther Angélica Luiz
Anais do I Congresso Brasileiro de Dor Infantil e
Cuidados Paliativos Pediátricos [livro eletrônico] :
I Congresso Luso-Hispânico de Cuidados Paliativos
Pediátricos : I Simpósio de Tecnologias em Saúde
Infantil / Esther Angélica Luiz Ferreira, Rodrigo
Bezerra de Menezes Reiff. -- São Carlos, SP :
Ed. dos Autores, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-96686-2

1. Crianças - Saúde 2. Cuidados paliativos
3. Cuidados paliativos - Congresso 4. Cuidados
paliativos em pediatria 5. Pediatria I. Reiff,
Rodrigo Bezerra de Menezes. II. Título.

24-197521

CDD-616.02906

Índices para catálogo sistemático:

1. Cuidados paliativos : Ciências médicas :
Congresso 616.02906

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

AGRADECIMENTOS

Há anos, a Rede Brasileira de Cuidados Paliativos Pediátricos (carinhosamente chamada de Rede), com o intuito de concretizar cada vez mais sua missão e valores, sonha em realizar um congresso. Depois de muitas idas e vindas, tentando manter nossa ideia de que chegasse ao mundo, de maneira gratuita, ciência e educação em dor infantil e cuidados paliativos pediátricos, temos nosso “Congresso Brasileiro de Dor Infantil e Cuidados Paliativos Pediátricos, I Congresso Luso-Hispânico de Cuidados Paliativos Pediátricos, I Simpósio de Tecnologias em Saúde Infantil” em 2024.

O evento híbrido, com sede em São Carlos, no interior do estado de São Paulo, teve sua localização escolhida de maneira ímpar, não apenas porque a cidade é o berço da Rede, mas também porque precisamos trazer o interior de nosso país como parte real do que realizamos. Começamos com 500 vagas, chegamos a 1000 e, mesmo assim, não foi suficiente para a procura.

Primeiramente, queremos agradecer a todos os participantes e todas as participantes: sem vocês, não haveria razão de organizarmos algo tão especial. Depois, queremos agradecer as ligas, a LATACP e a LATORP, pelo seu empenho e dedicação nessa organização: não foi fácil. A Comissão Científica foi importante para que tudo fluísse, gratidão por cada um. E, ao final, queremos agradecer nossos grandes apoiadores: a Universidade Federal de São Carlos, por meio de sua Pró-Reitoria de Extensão, uma vez que abriga a Rede, o evento e os anais deste; o Instituto de Ensino e Pesquisa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos, que nos acolheu, inclusive em toda a parte física e tecnológica necessária; e a Sociedade de Pediatria de São Paulo, pela sua divulgação.

Esse é o início, esperamos contar com vocês para os próximos congressos e simpósios.

Um abraço,

Esther Angélica Luiz Ferreira

Presidente do evento e coordenadora geral da Rede

Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff

Vice-presidente do evento

INFORMAÇÕES GERAIS DO EVENTO

I Congresso Brasileiro de Dor Infantil e Cuidados Paliativos Pediátricos, I Congresso Luso-Hispânico de Cuidados Paliativos Pediátricos, I Simpósio de Tecnologias em Saúde Infantil

Data

11, 12 e 13 de abril de 2024

Local

Presencial - Anfiteatro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos: Rua Paulino Botelho de Abreu Sampaio, 535 - Jardim Pureza, São Carlos, São Paulo, Brasil, cep 13561-060

Online - Youtube da Rede Brasileira de Cuidados Paliativos Pediátricos:

<https://www.youtube.com/@redebrasileiradecuidadospa8679>

Vagas

Evento gratuito e híbrido.

Realização

Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, com as:

Liga de Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos da Universidade Federal de São Carlos - LATAACP UFSCar e

Liga Acadêmica de Traumatologia e Ortopedia da Universidade Federal de São Carlos - LATORP UFSCar



Apoio

Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP) da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos

Laboratório de Bioengenharia do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (LBE ITA)

Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP)



DIRETORIA DA REDE BRASILEIRA DE CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS

Silvia Maria de Macedo Barbosa

Presidente

Esther Angélica Luiz Ferreira

Vice-presidente e coordenadora geral

Simone Brasil de Oliveira Iglesias

Coordenadora

Poliana Cristina Carmona Molinari

Coordenadora

Graziela de Araújo Costa

Coordenadora

Ana Cristina Pugliesi de Castro

Coordenadora

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

Comissão Executiva

Esther Angélica Luiz Ferreira

Presidente do evento, líder do [Núcleo de Estudos em Dor e Cuidados Paliativos](#) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e orientadora da Liga Acadêmica de Terapia Antálgica e Cuidados Paliativos da UFSCar

Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff

Vice-presidente do evento e orientador da [Liga Acadêmica de Traumatologia e Ortopedia](#) - LATORP UFSCar

Comissão Científica

Esther Angélica Luiz Ferreira

Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff

Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos, Centro Universitário Central Paulista (Unicep)

Cristina Ortiz Sobrinho Valete

Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Cristina Helena Bruno

Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Cláudia Aparecida Stefane

Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Silvia Maria de Macedo Barbosa

Instituto de Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (ICr USP)

Simone Brasil de Oliveira Iglesias

Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Carlos (Unifesp)

Poliana Cristina Carmona Molinari

Faculdade de Medicina de Jundiaí

Graziela de Araújo Costa

Faculdade de Medicina Albert Einstein, Hospital Sírio Libanês

Ana Cristina Pugliesi de Castro

Hospital Sírio Libanês

Priscila Fernandes

Laboratório de Bioengenharia do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (LBE ITA)

Liana Kalczuk

Laboratório de Bioengenharia do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (LBE ITA)

Juliana Moraes Menegussi

Unidade Saúde Escola da Universidade Federal de São Carlos (USE UFSCar)

Maycon Rodrigo Sarracini

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Marcelo Ferreira Lourenço

Centro Universitário Central Paulista (Unicep)

André Mascaro

Instituto de Ensino e Pesquisa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Carlos

Comissão Organizadora

Esther Angélica Luiz Ferreira

Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff

Alunos e alunas da LATACP UFSCar e da LATORP UFSCar

@REDEPALIATIVOSPEDBRASIL



REDE BRASILEIRA DE
CUIDADOS PALIATIVOS
PEDIÁTRICOS

SUMÁRIO

I	POLÍTICAS DE SAÚDE E INTERSETORIAIS EM DOR E CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS	7
	Relato de experiência e relato de caso	7
II	GRUPOS POPULACIONAIS EM DOR E CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS.....	8
	Relato de experiência e relato de caso	8
	Pesquisas e revisões.....	9
III	CUIDADO EM SAÚDE PEDIÁTRICA.....	12
	Relato de experiência e relato de caso	12
	Pesquisas e revisões.....	14
IV	EDUCAÇÃO E ENSINO EM DOR E CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS ..	19
	Relato de experiência e relato de caso	19
	Pesquisas e revisões.....	20
V	DOR E CONTROLE DE SINTOMAS EM PEDIATRIA	22
	Relato de experiência e relato de caso	22
	Pesquisas e revisões.....	23
	ÍNDICE DE AUTORES/AS.....	30

CÓDIGO 01

REDE BRASILEIRA DE CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Esther Angélica Luiz Ferreira, Silvia Maria de Macedo Barbosa, Simone Brasil de Oliveira Iglesias, Poliana Cristina Carmona Molinari, Graziela de Araújo Costa, Ana Cristina Pugliesi de Castro, Juliana Morais Menegussi, Maycon Rodrigo Sarracini, Lucas Pereira Liberal, Ricardo Patrezi Zanatta, Thainara Pereira da Silva, Ana Beatriz Simões Pereira, Amanda Moro Sanches, Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff, Marcelo Ferreira Lourenço, Cristina Ortiz Sobrinho Valete, Cristina Helena Bruno, Priscila Correia Fernandes, Ana Forjaz de Lacerda, María Sagrario Gómez-Cantarino

E-MAIL DE CONTATO: estherferreira@ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

APRESENTAÇÃO DO SERVIÇO: A Rede Brasileira de Cuidados Paliativos Pediátricos (Rede) foi criada em 2020 por 6 pediatras voluntárias, com o objetivo de desmistificar e informar o público sobre Cuidados Paliativos Pediátricos (CPP), através do ensino. Além do foco científico, o grupo pretendeu ser uma representação acadêmica em CPP, buscando ampliar a melhoria da assistência às crianças e suas famílias, beneficiando a sociedade como um todo. Atualmente, funciona como uma atividade de extensão e conta com a participação de alunos e profissionais de saúde de todo o Brasil e, até, do mundo. **DISCUSSÃO:** Os participantes aprenderam a trabalhar com diversas tecnologias e fizeram as redes sociais da Rede. Já foram realizadas diversas atividades. No Instagram, foram realizadas postagens e lives educativas. Pelo Google Meet, Stream Yard e YouTube, webinars e cursos foram apresentados. Estudos colaborativos foram e estão sendo elaborados, inclusive publicações em revista destes materiais já ocorreram. Material didático, em que se inclui registro de ISBN, foi confeccionado e distribuído gratuitamente. Simpósios e congressos, visando troca científica de qualidade, vêm sendo realizados anualmente ou até mais vezes ao ano. Comentários finais: Ao participar da Rede, aprende-se não apenas sobre CPP, mas também a compartilhar e a trabalhar em equipe. A Rede pretende continuar realizando seu trabalho, contando com a participação cada vez maior do público interessado em ajudar.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados Paliativos, Dor, Pediatria, Redes Comunitárias, Direitos da Criança e do Adolescente.

BIBLIOGRAFIA:

Ferreira EAL, Valete COS, Barbosa SMM, et al. Exploring the Brazilian pediatric palliative care network: a quantitative analysis of a survey data. *Rev Paul Pediatr.* 2023;41:e2022020. Published 2023 Mar 13. doi:10.1590/1984-0462/2023/41/2022020

AGRADECIMENTOS: À Rede Brasileira de Cuidados Paliativos Pediátricos, assim como a todos os envolvidos para que ela possa continuar acontecendo.

CÓDIGO 07

DOR SOCIAL EM PEDIATRIA: VIVÊNCIAS NO DIA A DIA DA PRÁTICA CLÍNICA E SEU IMPACTO NA CRIANÇA E NO PROFISSIONAL DE SAÚDE DA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Carolina Augusta Romão de Brito, Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: carolinarbrito@hotmail.com

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

APRESENTAÇÃO DO CASO: Cecília Sauders, pioneira no cuidado holístico de pacientes paliativos, através de reflexões sobre a multidimensionalidade da dor, criou o conceito de “Dor Total” (1964), a partir da fala de sua paciente sobre a própria dor: “All of me is wrong”. Esse conceito, revisto em 2020 pela Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) foi definido como “experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial”. As vivências da atenção básica mostram-na em âmbito físico, psíquico, social e emocional e o profissional da área pode ser o primeiro a identificá-la pelo contato com a dinâmica familiar e pela longitudinalidade do SUS, mas por vezes sem ter os recursos para interromper seu ciclo. **DISCUSSÃO:** Como médica de USF em região rural, acompanhei crianças com diferentes dores, muitas em contexto disfuncional, sem perspectiva de melhora, exigindo bagagem técnica, apoio da equipe multiprofissional e um escudo psicológico para a proteção daquele que atende e acolhe. Este se altera diariamente, e é falho, devendo permitir a passagem do cuidado, mas não ser desnudo ao ponto de permitir feridas incuráveis a cada atendimento realizado. Comentários finais: A vivência com a dor pediátrica na USF exige adaptações diárias e uma luta de toda a equipe. Gera impactos no paciente e no profissional, e altera a prática médica, em um cenário onde apenas capacitação técnica pode não ser o suficiente.

PALAVRAS CHAVE: Dor, Sofrimento emocional, Pediatria, Profissionais de Saúde, Atenção Primária em Saúde

BIBLIOGRAFIA:

Jornal Dor (Publicação da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor – Ano XVIII – 2º Trimestre de 2020 – edição 74, 11-8.

Diretoria da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED) – Gestão 2020-2021: “Definição de dor revisada após quatro décadas”.

Revista Gaúcha de Enfermagem - 2021: “Dor total e teoria do conforto: implicações no cuidado ao paciente em cuidados paliativos oncológicos”.

AGRADECIMENTOS: À minha mãe, que sempre estimulou meus estudos e meus sonhos, à Esther, maior professora que já tive a honra de ter, ao Lucas, pela nossa jornada, e ao meu pai (o Alzheimer pode ter levado sua memória, mas nunca levará meu amor por você)

CÓDIGO 04

OS DESAFIOS DA PRESTAÇÃO DE CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS: IMPACTOS NO BEM-ESTAR DOS CUIDADORES FAMILIARES

Beatriz Oliveira Vieira, Letícia Sayuri Takahashi Novais, Isadora Mazzucato Manfredi Rotolo, Bianca Caseiro Chiuratto, Lara Gomes Teixeira, Yasmim Yabasse Guimarães, Claudia Aparecida Stefane

E-MAIL DE CONTATO: ovbeatriz@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: Os cuidados paliativos (CP) visam aumentar a qualidade de vida (QV) dos pacientes e familiares. Nesse processo, os cuidadores familiares assumem papel essencial ao tentarem garantir QV aos pacientes, principalmente no campo pediátrico, pois são responsáveis por mediar os impactos da doença. **OBJETIVO:** Descrever e analisar os desafios dos cuidadores familiares nos CP pediátricos. **METODOLOGIA:** Estudo de revisão produzido a partir de artigos publicados nos últimos 15 anos nas bases de dados SciELO e BVS. **RESULTADOS:** Os CP pediátricos encontram desafios à medida que há uma grande variedade de situações clínicas que viabilizam a aplicabilidade dessa modalidade de cuidado. Pelo princípio da desospitalização, as famílias das crianças enfermas assumem o papel primário de cuidadores, porém a falta capacitação, de informação e de recursos humanos, financeiros e materiais, associados com uma rede de apoio fragilizada e o desgaste físico e psicológico, se tornam desafios a serem enfrentados visto que provocam grande impacto na vida dos cuidadores. **CONCLUSÃO:** Os desafios citados, a falta de visibilidade deles e a escassez de estudos que abordem esse impasse demonstra a invisibilidade dos cuidadores como atuantes no processo de saúde-doença. Assim, estudos que explorem essas carências são essenciais para construção de uma política e de protocolos que sejam capazes de garantir as condições necessárias para auxiliar e proteger essas pessoas e por conseguinte, o paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados Paliativos, Pediatria, Cuidadores, Fardo do Cuidador.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Railda Fernandes et al. Cuidados paliativos: desafios para cuidadores e profissionais de saúde. *Fractal: revista de psicologia*, v. 27, p. 165-176, 2015.

DOS SANTOS, Tatiana Vasconcelos, MOREIRA, Martha Cristina Nunes, SEVILHA, Marina. A ética do cuidado e cuidado paliativo pediátrico: um diálogo possível. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 4, p. 1011-1019, abr. 2023.

RABELLO, Cláudia Azevedo Ferreira Guimarães, RODRIGUES, Paulo Henrique de Almeida. Saúde da família e cuidados paliativos infantis: ouvindo os familiares de crianças dependentes de tecnologia. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 2, p. 379-388, mar. 2010.

CÓDIGO 05

GÊNERO E VALORIZAÇÃO DAS DIFERENTES DIMENSÕES DA DOR TOTAL: VISÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE, UMA PARCIAL

Fabiola da Silva Paludetti, Esther Angélica Luiz Ferreira, Cristina Helena Bruno

E-MAIL DE CONTATO: fabiola.paludetti@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: Estudos acerca das diferenças e disparidades de sexo e gênero na percepção e modulação da dor têm se intensificado. Já foi evidenciado que existem diferenças nas reações frente à dor entre homens e mulheres. Por outro lado, estudos também mostram que, durante a infância, não há diferença significativa entre sexo e gênero na percepção da dor, sugerindo que a mudança possa ocorrer na adolescência ou no adulto jovem e esteja relacionada às alterações hormonais. **OBJETIVO:** responder à questão “Existe alguma diferença na valorização, por parte dos profissionais de saúde, das diferentes dimensões da dor total entre pacientes dos sexos biológicos feminino e masculino a partir de 12 anos de idade?”. **METODOLOGIA:** estudo exploratório descritivo transversal, com aplicação de formulário estruturado aos profissionais de saúde de um Hospital Universitário. **RESULTADOS:** Entrevistando 35 profissionais de saúde, o estudo sugere que há a banalização e psiquiatrização da dor no gênero feminino, diferentemente do que ocorre durante a infância e com o gênero masculino. As demandas muitas vezes são falhas devido à minimização de tudo o que diz respeito ao gênero feminino, ou seja, a normalização da dor feminina e a sua desvalorização pelos profissionais da saúde. **CONCLUSÃO:** Educação continuada em dor deve ocorrer para que exista adequação à assistência em todos os gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Mulher, Gênero, Profissionais da Saúde, Saúde da Mulher.

BIBLIOGRAFIA:

BRILHANTE, Aline Veras Morais et al. Narrativas autobiográficas de mulheres com endometriose: que fenômenos permeiam os atrasos no diagnóstico?. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, p. e290307, 2019.

SILVA, Carla Marins et al. Experiências das mulheres quanto às suas trajetórias até o diagnóstico de endometriose. *Escola Anna Nery*, v. 25, p. e20200374, 2021.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 10 março 2024.

CÓDIGO 03

A INFLUÊNCIA DAS INTERCORRÊNCIAS DURANTE A GRAVIDEZ NA PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE A DOR NEONATAL

Cintia dos Santos Cardoso da Silva, Victória Moura de Aquino, Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: cintiascs@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: A percepção materna da dor neonatal é um tema de grande importância para a compreensão de como a visão da mãe influencia nas decisões relacionadas à saúde do neonato. As vivências maternas durante a gestação impactam diretamente a forma de entendimento da dor do recém-nascido, especialmente quando ocorrem intercorrências. A gravidez cria expectativas em relação ao futuro filho, inclusive em relação à saúde e ao bem-estar. Complicações durante a gestação podem abalar essas expectativas e modificar a forma como a mãe percebe a dor do neonato. **OBJETIVO:** Analisar a influência das intercorrências durante a gravidez na percepção materna sobre a dor neonatal. **METODOLOGIA:** Foram entrevistadas 270 mães que realizaram o parto em uma maternidade terciária do interior de São Paulo, cujos critérios de inclusão foram: idade gestacional a partir de 34 semanas, parto em até 48 horas da chegada da entrevistadora e autorização para a aplicação do questionário da pesquisa. **RESULTADOS:** Das 270 mães, 178 não tiveram intercorrências durante a gravidez. Das 92 que tiveram, 66 afirmaram que a intercorrência mudou a preocupação delas em relação ao filho (71,7%). **CONCLUSÃO:** Intercorrências durante a gestação podem interferir na forma como as mães se preocupam com os recém-nascidos na maioria dos casos. Isso demonstra que é importante identificar como essas preocupações afetam a percepção da dor do neonato pela mãe e como os profissionais de saúde podem atuar para amenizar tais apreensões.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Recém-nascido, Gravidez

BIBLIOGRAFIA:

DAVID, Maria Alice de Oliveira et al. Depressão em grávidas hipertensas: preocupações maternas durante a gestação. *Psicol. hosp. (São Paulo)*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 2-20, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2024.

LAMY, Zeni C., GOMES, Romeu, CARVALHO, Manoel de. A percepção de pais sobre a internação de seus filhos em unidade de terapia intensiva neonatal. *Jornal de Pediatria* 1997, 73: 293-297.

ZIETLOW, A-L, NONNENMACHER, N, RECK, C, DITZEN, B, MÜLLER, M. Emotional Stress During Pregnancy – Associations With Maternal Anxiety Disorders, Infant Cortisol Reactivity, and Mother–Child Interaction at Pre-school Age. *Front. Psychol.*, v. 10, p. 2179, 2019. DOI: 10.3389/fpsyg.2019.02179.

AGRADECIMENTOS: À Victória, à Esther, à minha família, ao meu parceiro e aos meus amigos.

CÓDIGO 12

CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS: CASA INSTITUTO DO CÂNCER INFANTIL MODELO HOSPICE NO SUL DO BRASIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ciana dos Santos Indicatti, Vitor Pena Prazido Rosa, Vera Regina Sabarros, Amanda Fontoura San Germanin, Virgínia Tafas Nóbrega, Algemir Lunardi Brunetto, Valéria Gerbatim Brás Foletto e Lauro José Gregianin

E-MAIL DE CONTATO: cianaindicatti@yahoo.com.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Instituto do Câncer Infantil

Cuidados Paliativos em pediatria são aqueles que previnem, identificam e tratam crianças que sofrem com doença crônica, progressiva e avançada, estendendo às suas famílias. Podem ser instituídos em qualquer fase da doença, sendo mais eficazes quando oferecidos precocemente. Os Cuidados Paliativos têm origem nos hospices na Europa, mas somente em 1982 foi estabelecido o primeiro hospice pediátrico, no Reino Unido. Atualmente essas instalações evoluíram assumindo características hospitalares.¹⁻³

A Casa ICI (Instituto do Câncer Infantil) iniciou suas atividades em Janeiro/2024 e é considerada como a segunda casa de acolhimento para atendimento paliativo pediátrico com câncer na América Latina. O projeto Casa ICI iniciou com a aquisição, reforma e ambientação de um imóvel residencial, com recursos próprios e oriundos de doações, com capacidade de atender 3 pacientes acomodados em quartos individuais. O funcionamento da Casa ICI foi possível através de convênio com Secretaria Municipal e Estadual e Saúde. A Casa ICI é destinada para atendimento das crianças portadoras de câncer que já esgotaram todas as possibilidades de tratamento curativo e oferecer um local aconchegante, onde o paciente e sua família tenham conforto físico e emocional. O atendimento é gratuito, realizado por uma equipe multidisciplinar, incluindo médica paliativista, oncologistas pediátricos, enfermeiros, farmacêutica, fisioterapeuta, fonoaudióloga, além de voluntários, capelã laica. As crianças e famílias também recebem gratuitamente as refeições, material de higiene, roupas, alimentos, assistência funeral e assistência de urgência. Casa ICI foi projetada para oferecer o melhor conforto e qualidade de vida tendo como slogan: Aqui Mora o Amor.

DESCRITORES: Cuidados Paliativos, Hospices, Pediatria

REFERÊNCIA:

1. Academia Nacional de Cuidados Paliativos. Manual de Cuidados Paliativos. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009.
2. Dussel V, Bernadá M, Bustamante M, Blanco MC, García WG, Grunauer M, Jerez C, Barbosa SMM, Nespral A. Versión Educación en Cuidados Paliativos y Final de la Vida en Pediatría. Cuidados Paliativos Pediátricos: ¿Por Qué Importan? EPEC-Peds Latino América, 2016.
3. Hain R, Heckford E, McCulloch R. Paediatric palliative medicine in the UK: past, present, future. Arch Dis Child. 2012;97(4):381-4 PMID: 22039176.

CÓDIGO 11

“EU VOU MORRER?” PROCESSO DE COMUNICAÇÃO SOBRE MORTE EM CUIDADO PALIATIVO PEDIÁTRICO

Laís Blanco Ramos, Camile Martins Studart Rocha, Lorena Roma Longo, Vitoria Fernandes, Nichollas Martins Areco

E-MAIL DE CONTATO: laisblancoramos@hotmail.com

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HC-FMRP-USP).

APRESENTAÇÃO DO CASO: Este trabalho visa discutir o desenvolvimento de estratégias de comunicação sobre morte na assistência em Cuidado Paliativo Oncológico Pediátrico. Ilustra-se o acompanhamento de criança de 6 anos, diagnosticada com neoplasia grave, acompanhada pelo ambulatório interdisciplinar de Cuidados Paliativos. A mesma vivenciava dor total de difícil controle, perda de autonomia e mobilidade. Foi identificada a dificuldade dos pais em abordar a temática da morte, mantendo mobilização afetiva devido ao luto antecipatório e a luto complicado prévio. Durante a assistência, a criança manifestou questões sobre a própria finitude. Assim, empregou-se como intervenções: a) avaliação da natureza da questão, esclarecimento de suas dúvidas, fantasias e angústias referentes ao morrer, identificação dos recursos cognitivo e socioafetivo para adequação da linguagem e do conteúdo, b) uso de recursos lúdicos e contação de histórias favorecendo a elaboração em seu imaginário, validação de impressões e sentimentos diante da percepção sobre sua finitude. **DISCUSSÃO:** A compreensão da criança sobre a morte varia conforme suas conquistas desenvolvimentais, personalidade, cultura, e experiências no tratamento. Devido ao tabu relacionado à incapacidade para compreender e lidar com o tema, os processos de comunicação sobre a finitude são desafiadores. Comentários finais: Para dialogar sobre morte com criança são necessários múltiplos métodos que ofereçam elementos de intervenção assertiva.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Criança, Morte.

BIBLIOGRAFIA:

FONSECA, L. G. A., PANCIERA, S. del P., ZIHLMANN, K. F. Hospitalização em Oncologia Pediátrica e Desenvolvimento Infantil: Interfaces entre Aspectos Cognitivos e Afetivos. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 41, n. spe3, p. 1-14, 2021.

Lima VR de, Kovács MJ. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. Psicol cienc prof [Internet]. 2011;31(2):390-405.

ZANON, B. P., CREMONESE, L., RIBEIRO, A. C., PADOIN, S. M. de M., DE PAULA, C. C. Comunicação de más notícias em pediatria: revisão integrativa. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, p. 1-11, 2020.

CÓDIGO 08

PERCEPÇÕES DE FAMILIARES ENLUTADOS SOBRE EMPATIA NOS CUIDADOS NO FINAL DA VIDA

Amanda Moro Sanches, Esther Angélica Luiz Ferreira, Cristina Ortiz Sobrinho Valet

E-MAIL DE CONTATO: amanda.sanches@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: É comum que familiares relatem necessidade de apoio no luto após uma perda, mas apesar de os profissionais da saúde constantemente estarem envolvidos no apoio às famílias durante o morrer, normalmente não há uma rotina de acompanhamento com os familiares. Entende-se que é fundamental entender como os familiares percebem o apoio empático recebido para que aprimoramentos possam ser feitos nessa área.

OBJETIVO: Compreender as percepções de empatia nos cuidados de fim de vida no Brasil pela perspectiva de familiares de pacientes. **METODOLOGIA:** Participaram desta pesquisa 8 pessoas maiores de 18 anos que perderam um familiar até 3 meses antes da participação, após um período de cuidados profissionais. Responderam a um questionário online a respeito de sua percepção da empatia dos profissionais que cuidaram de seu familiar em final de vida. **RESULTADOS:** A pesquisa mostrou que a maioria dos participantes que relatam uma experiência positiva em que a empatia de um profissional da saúde fez diferença nos cuidados em final de vida de um familiar também relata uma experiência negativa com baixa empatia. **CONCLUSÃO:** A variação da definição de “empatia” entre os participantes interferiu no julgamento em relação ao cuidado oferecido ao familiar em final de vida. Detecta-se divergência nos cuidados dentro de um mesmo centro, sendo que investir em capacitação em empatia pode ser uma solução. Recomenda-se estudos para verificar a aplicabilidade desses resultados também na pediatria.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia, Assistência Terminal, Luto.

BIBLIOGRAFIA:

Kalocsai, C., des Ordon, A.R., Sinuff, T. et al. (2020). Critical care providers' support of families in bereavement: a mixed-methods study. *Canadian Journal of Anesthesia/Journal canadien d'anesthésie*, 67, 857–865.

Kübler-Ross, E. (2017). Sobre a morte e o morrer (P. Menezes, Trad. WMF Martins Fontes. (Texto original publicado em 1981).

AGRADECIMENTOS: FAPESP

CÓDIGO 10

O MÉTODO TERAPIA OCUPACIONAL DINÂMICA NOS CUIDADOS PALIATIVOS E NA FINITUDE DA VIDA NA CLÍNICA DA INFÂNCIA

Isabelle Paris Saciloti, Eduardo Augusto de Almeida Lino

E-MAIL DE CONTATO: belleepariss@gmail.com

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: Cuidados Paliativos (CP) são o cuidado multidisciplinar a indivíduos e familiares que enfrentam doenças ameaçadoras da continuidade da vida. Terapeutas ocupacionais participam de equipes de CP. Um dos referenciais teórico-metodológicos utilizados é o Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD). **OBJETIVO:** Identificar as possibilidades do MTOd nos CP na infância. **METODOLOGIA:** Entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais que atuaram nesta clínica, transcritas, validadas e analisadas tematicamente. **RESULTADOS:** Identificaram-se três temas: (1) MTOd como referência, (2) foco na situação, necessidades e desejos, (3) cuidado centrado na relação triádica e nos quartos-termos para ampliar possibilidades e espaços de saúde. **DISCUSSÕES:** O MTOd permite pensar a prática em CP de modo ampliado, focalizando a situação da pessoa, e não a doença. Busca-se ampliar possibilidades de vida, enfatizando-se habilidades de negociação com equipes e familiares. **CONCLUSÕES:** O MTOd oferece um referencial teórico-metodológico que sustenta o pensamento profissional em terapia ocupacional na complexidade da clínica de CP.

PALAVRAS-CHAVES: Criança, Cuidados Paliativos, Terapia Ocupacional, Método Terapia Ocupacional Dinâmica

CÓDIGO 09

FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO NO LUTO DE FAMILIARES DE PACIENTES EM CUIDADOS DE FIM DE VIDA NA UTI NEONATAL

Camile Martins Studart Rocha, Laís Blanco Ramos, Lorena Roma Longo, Nichollas Martins Areco, Patricia Barberá Gallego, Vitória Fernandes

E-MAIL DE CONTATO: vitooriaf98@gmail.com

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP) da Universidade de São Paulo (USP)

Diante da hospitalização de um bebê em UTI Neonatal, devido ao diagnóstico ameaçador da vida, a família pode vivenciar luto antecipatório complicado. Assim, as equipes de saúde precisam alinhar o cuidado aos desafios desta experiência. Objetivou-se analisar os fatores de risco e proteção frente ao luto vivenciado por familiares de pacientes em cuidados de fim de vida na UTI neonatal. Realizou-se uma revisão integrativa de literatura, com artigos publicados em bases indexadas entre os anos de 2013 e 2023. Utilizou-se os descritores “luto”, “família” e “unidade de terapia intensiva neonatal”, sendo encontrados 6 artigos em inglês, espanhol e português. Os fatores de proteção à vivência de luto são: vinculação com profissionais da saúde, participação na rotina e cuidados do bebê, levando a realização da parentalidade idealizada, espiritualidade, comunicação empática e esclarecedora de notícias difíceis, validação dos sentimentos, rede de apoio estendida, prática em saúde guiada pelos cuidados paliativos. As dificuldades de enfrentamento devem-se ao tempo limitado no acesso ao bebê, gravidade do quadro clínico, internação prolongada, insegurança na equipe, frustração frente aos desafios de vinculação com os bebês. Portanto, diante da ameaça à vida de bebês na em UTI, a assistência deve favorecer o desempenho da parentalidade, mesmo que de forma adaptada ao contexto, além de adotar postura ativa e comunicação franca, reconhecendo as particularidades afetivas desta experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Luto, Família, Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

BIBLIOGRAFIA:

Franco, M. H. P. O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno, 1. ed. - São Paulo: Summus Editorial, 2021, 184p.

PORTO, G., LUSTOSA, M. A. Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos, Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH), Rio de Janeiro, v.13, n.1, 2010.

SIEG, S. E., BRADSHAW, W. T., BLACK, S. The best interests of infants and families during palliative care at the end of life: a review of the literature. *Advances in Neonatal Care*, Estados Unidos, v. 19, n. 2, p. 9-14, 2019. Disponível em: https://journals.lww.com/advancesinneonatalcare/abstract/2019/04000/the_best_interests_of_infants_and_families_during.16.aspx

CÓDIGO 06

ABORDAGEM PALIATIVISTA PEDIÁTRICA EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO SUL DO BRASIL

Luiza S. Menegazzo, Miriam S. de Menezes

E-MAIL DE CONTATO: luizamenegazzo@hotmail.com

INSTITUIÇÃO: Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) e Universidade de Santa Maria (UFSM), Santa Maria - Rio Grande do Sul, Brasil

OBJETIVOS: Investigar a prestação de cuidados paliativos pediátricos (CPP) em um Hospital Universitário (HU), com intuito de verificar o cumprimento de ações relativas a esse tipo de assistência adotada pela equipe pediátrica. **MÉTODOS:** Estudo observacional e prospectivo, com 124 crianças portadoras de patologias elegíveis para receber CPP, internadas há mais de sete dias na enfermaria ou UTI do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). Aplicou-se um questionário sobre o perfil epidemiológico, rotina de cuidado, além de escalas de sintomas e dor com pacientes e familiares. **RESULTADOS:** Lactentes (65%) e pacientes do sexo masculino (56%) foram predominantes, bem como o diagnóstico de doenças crônicas (67%). Dor, cansaço, sonolência e ansiedade foram os sintomas mais notados pelas famílias. O atendimento foi feito por equipe multidisciplinar, sendo que sua conduta de acolhimento e habilidade de comunicação foram avaliadas positivamente. Porém, a espiritualidade não foi abordada em 55% dos casos, bem como não houve aplicação de escalas de controle e avaliação da dor e de sintomas por parte da equipe assistente durante a internação dessas crianças. **CONCLUSÕES:** O HUSM, apesar de não possuir equipe específica para CPP, é bem avaliado por familiares de pacientes elegíveis para esse tipo de assistência, especialmente quanto ao acolhimento e habilidade para tratar de temas difíceis como a morte, bem como pelo uso de linguagem acessível à cognição de cada família.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Pediatria, Cuidado Paliativo, Cuidado Paliativo Pediátrico.

BIBLIOGRAFIA:

HOFFMANN, L. A morte na infância e sua representação para o médico: reflexões sobre a prática pediátrica em diferentes contextos. Cadernos de Saúde Pública, v. 9, n. 3, 1993.

IGLESIAS, S. B., ZOLLNER A. C. R., CONSTANTINO C. F. Cuidados paliativos pediátricos. Artigo de revisão. Residência Pediátrica. Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016.

LAGO, P. M. et al. Cuidados de final de vida em crianças: perspectivas no Brasil e no mundo. Jornal de Pediatria, v. 83, n. 2, p. 109-116, 2007.

AGRADECIMENTO: Aos pais e familiares dos pacientes entrevistados que concordaram em dividir suas aflições e conflitos com os pesquisadores, bem como aos funcionários do HU pela atenção, gentileza e dedicação.

CÓDIGO 13

EDUCAÇÃO FÍSICA E CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS: UMA REVISÃO DA LITERATURA NO BRASIL

Maycon Rodrigo Sarracini, Mateus Fabrício Pallone Manzini, Cristina Helena Bruno, Cristina Ortiz Sobrinho Valete, Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff, Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: mayconsarracini@gmail.com

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: A Educação Física é uma área da saúde indispensável para o cuidado interdisciplinar completo, o que inclui os Cuidados Paliativos Pediátricos (CPP). **OBJETIVO:** Encontrar literatura científica brasileira acerca do campo do profissional da Educação Física nos CPP. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão de literatura. Foi realizada busca teórica e documental, a partir do levantamento bibliográfico na base SciELO e no Google Acadêmico, desde 2020 e apenas em português, com os termos “Cuidados Paliativos Pediátricos” AND “Educação Física”. **RESULTADOS:** Foram encontrados 16 artigos, sendo que apenas 1 foi selecionado. Faltam evidências robustas sobre o assunto para o público infantil. As estratégias utilizadas pelos Profissionais da Educação Física devem levar em consideração o ambiente e o estado clínico do paciente, algo que é de extrema relevância nos CPP. As brincadeiras e dos jogos, até mesmo no cenário hospitalar, vem sendo cada vez mais estudada. **CONCLUSÃO:** A Educação Física é uma área da saúde que vislumbra a integralidade do cuidado, mas lacunas importantes ainda são encontradas nos CPP, que devem ser solucionadas por educação e pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados Paliativos, Educação Física e Treinamento, Pediatria.

BIBLIOGRAFIA:

Ferreira EAL, Manzini MFP, Valete COS, Bruno CH, Stefane CA. A inserção do profissional da educação física nos cuidados paliativos pediátricos: uma revisão crítica da literatura. Resid Pediatr. 2023;13(4):1-6 DOI: 10.25060/residpediatr-2023.v13n4-877.

CÓDIGO 16

IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA CIENTÍFICA NO INÍCIO DA GRADUAÇÃO

Paula Gonçalves Bras, Esther Angélica Luiz Ferreira, Thainara Pereira da Silva

E-MAIL DE CONTATO: paula@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

APRESENTAÇÃO: A possibilidade de inserção em um grupo de pesquisa constitui uma oportunidade estendida aos graduandos ainda no primeiro ano do curso de Medicina na Universidade Federal de São Carlos. Favorecendo o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas, além de configurar uma ferramenta efetiva na construção do conhecimento. Foi nesse contexto que, no segundo semestre de 2023, surgiu a oportunidade de ingresso no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Dor e Cuidados Paliativos, formado por acadêmicos da área de saúde, com linhas de pesquisa voltada para o estudo da dor e cuidados paliativos. **DISCUSSÃO:** A admissão de membros, na condição de calouros, propiciou a aquisição de novos conhecimentos, incluindo o uso de plataformas digitais educacionais que apoiam os pesquisadores e o começo de um projeto de pesquisa com temáticas relacionadas à dor pediátrica e à tecnologia. A experiência adquirida ao lidar com esses temas ressalta a necessidade de contribuir para o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas voltadas à comunicação e ao manejo adequado da dor pediátrica que afeta o bem-estar e qualidade de vida. **Comentários finais:** Dessa forma, a imersão no campo de pesquisa em dor pediátrica caracterizou-se como um meio para adquirir conhecimentos teóricos e práticos desde o início da graduação, ao mesmo tempo em que despertou uma inquietação pelo avanço tecnológico e inovação na área da saúde, sentimento esse que deve permear toda a jornada acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de Pesquisa, Conhecimento, Dor Pediátrica, Tecnologia.

BIOGRAFIA:

DA SILVA GONÇALVES, Fernanda. A vivência do nutricionista residente em uma gestão de saúde no contexto de pandemia: relato de experiência. *Health Residencies Journal-HRJ*, v. 2, n. 12, p. 220-240, 2021.

SEDREZ, Elisa da Silva, MONTEIRO, Janine Kieling. Avaliação da dor em pediatria. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, p. e20190109, 2020.

CÓDIGO 14

PERSPECTIVA DOS DOCENTES, SOBRE DOR PEDIÁTRICA, EM UM CURSO DE MEDICINA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL: REFLEXÃO EM PROL DO APRIMORAMENTO

Ricardo Patrezi Zanatta, Esther Angélica Luis Ferreira, Cristina Ortiz Sobrinho Valete, Lucas Pereira Liberal, Cristina Helena Bruno, Rodrigo Menezes de Bezerra Reiff, Maycon Rodrigo Sarracini, Maria Sagrario Gómez-Cantarino

E-MAIL DE CONTATO: ricardopz@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: a criança é um sujeito de direitos, de forma a possuir o direito de ser adequadamente atendida nos serviços de saúde, recebendo o correto e holístico manejo de seus quadros clínicos, incluindo quadros dolorosos. Porém, apesar de tal direito, o ensino de técnicas de manejo da dor, especialmente pediátrica, apresentam-se de forma deficiente na grade curricular em cursos da saúde. **OBJETIVO:** o trabalho delineado visa compreender qual o posicionamento dos professores do curso de medicina de uma universidade federal em relação ao ensino da dor pediátrica e seus possíveis manejos não farmacológicos. **METODOLOGIA:** após aprovação do comitê de ética, foram entrevistados professores do curso de medicina de uma universidade federal do interior do estado de São Paulo. Após, os resultados foram tabulados e foi realizada análise estatística com significância de 5%. **RESULTADOS:** foram entrevistados 20 docentes, sendo 11 mulheres e 9 homens. Ao serem questionados se este tema compunha a grade curricular do curso, 6 disseram que não, 8 disseram que sim e 6 não souberam dizer. Foi unânime a percepção de que técnicas não farmacológicas para a abordagem da dor devem ser ensinadas na graduação. **CONCLUSÃO:** embora todos concordem que técnicas não farmacológicas devem ser ensinadas, os docentes não possuem um conhecimento homogêneo do plano de formação, de forma a dificultar possíveis alterações na grade curricular, dificultando, conseqüentemente, avanços nesse sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Dor pediátrica, Manejo não farmacológico, Grade curricular.

BIBLIOGRAFIA:

Eler K, Albuquerque A. Direitos humanos da paciente criança. Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário. 2019 jan./mar., 8(1): 36-52.

Ferreira EAL, Valete COS, Barbosa SM de M, Costa G de A, Molinari PCC, Iglesias SB de O, et al.. Exploring the Brazilian pediatric palliative care network: a quantitative analysis of a survey data. Rev paul pediater [Internet]. 2023;41:e2022020. Available from: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2023/41/2022020>.

Volpin, M. C., Ferreira, E. L., Eduardo, A. A., Bombarda, T. B. Ensino sobre cuidados paliativos nos cursos da área de saúde: apontamentos sobre lacunas e caminhos. Diálogos Interdisciplinares, v. 11, n. 1, p. 140-153, 31 mar. 2022.

AGRADECIMENTOS: ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

CÓDIGO 15

O PANORAMA DOS CUIDADOS PALIATIVOS EM CURSOS DE MEDICINA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Lara Gomes Teixeira, Bianca Caseiro Chiuratto, Yasmim Yabasse Guimarães, Isadora Mazzucato Manfredi Rotolo, Letícia Sayuri Takahashi Novais, Beatriz Oliveira Vieira, Claudia Aparecida Stefane

E-MAIL DE CONTATO: laragteixeira17@gmail.com

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: Os Cuidados Paliativos (CP) pretendem melhorar a qualidade de vida do paciente adotando uma abordagem física, psicossocial e espiritual. Com o envelhecimento da população e o aumento da prevalência de doenças crônicas em diversas idades, a inclusão de CP se fez necessária e obrigatória nas escolas médicas (EM). **OBJETIVO:** Analisar a presença de CP no Projeto Político Pedagógico (PPP) de EM paulistas. **METODOLOGIA:** Estudo descritivo e transversal, dispensado do Comitê de Ética por utilizar dados disponíveis na internet. A partir do e-MEC foram selecionadas as EM do estado de São Paulo, o qual forma mais médicos no país. O PPP foi, então, encontrado nos sites das respectivas instituições e, nele, buscou-se os termos “paliativo” e “cuidados paliativos”. **RESULTADOS:** Das 74 EM paulistas, em 10 foram encontradas referências aos CP e destas, 70% retratam o desenvolvimento de habilidades e competências desta área apenas nos últimos três anos da graduação. Ademais, só 10% preveem CP na área pediátrica. **CONCLUSÃO:** Apesar da obrigatoriedade da temática CP na formação médica, prevista pelo parecer 265/2022, ela foi pouco observada nos projetos analisados. Diante disso, é fundamental a mobilização social, acadêmica e governamental para que a lei seja cumprida, assim como, que as EM façam adequações a fim de que os CP sejam vistos desde os primeiros anos de formação, de forma transversal e modo a englobar todas faixas etárias, inclusive a infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados Paliativos, Educação Médica, Educação de Graduação em Medicina, Educação Baseada em Competências, Pediatria.

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. Ministério da Educação. Portal da Educação. Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados (e-MEC): 2023. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>> Acesso em: 13 jul. 2023.

FONSECA, A., GEOVANINI, F. Cuidados paliativos na formação do profissional da área de saúde. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 37, n. 1, p. 120–125, jan. 2013.

DE SALES, A. C. V., DOS SANTOS, L. A. R., ANDRADE, J. de O. Q., DE LIRA, M. K. O., LENZI, T. R. G. Inserção dos cuidados paliativos no currículo de graduação em medicina: uma revisão integrativa. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 16439–16453, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n4-190. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/61889>. Acesso em: 04 mar. 2024.

CÓDIGO 19

DESENVOLVIMENTO DE UM DIÁRIO DE DOR PEDIÁTRICA EM BRASIL E EM PORTUGAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isabela Rodrigues Bueno De Camargo Pereira, João Paulo Borges Bispo, Thainara Pereira Da Silva, Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: isabela.camargo@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Departamento de Medicina (DMed) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

APRESENTAÇÃO DO CASO/SERVIÇO: Após aprovação do comitê de ética, foi elaborado um aplicativo móvel chamado APDor (Agenda Pediátrica da Dor), que tem como funcionalidade principal ser um diário eletrônico da dor: o paciente insere informações diárias e os profissionais de saúde têm acesso a essas informações. Para validar as informações, crianças de 8 a 12 anos foram convidadas a participar da pesquisa, primeiramente no Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos (HU-UFSCar) e, logo após, em um hospital português. Elas usaram o aplicativo no momento da consulta, assim como também fizeram seus relatos em folha de papel física, como é de costume. Os dados foram correlacionados, para entender a validade das informações submetidas no APDor.

DISCUSSÃO: Até o presente momento, 6 crianças, no Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos (HU-UFSCar), concordaram em participar da pesquisa, com idades entre 8 a 12 anos. Os pesquisadores explicaram sobre o diário de dor convencional e sobre o APDor. As crianças realizaram os relatos nos dois meios e confirmaram a participação na próxima etapa do projeto, via formato digital, o qual foi aceito com interesse por elas, visto o fácil acesso em seus próprios aparelhos celulares e a simples compreensão e usabilidade do aplicativo. Na comparação entre os relatos, pôde-se perceber a diferença com que cada criança expressa e lida com a dor, resultados estes que serão, posteriormente, comparados e analisados de uma maneira mais ampla, entre os dois países lusófonos. Comentários finais: A participação nesse projeto de pesquisa está sendo gratificante em minha formação, pois presencio, de perto, as diferentes formas de manifestação da dor em crianças e como a criação do aplicativo surge como uma ferramenta para entender de maneira mais clara o que esses indivíduos sentem, auxiliando tanto no diagnóstico quanto no tratamento da dor. Além disso, estou tendo a oportunidade de aprender com estudantes e pesquisadores com mais experiência nessa área, que me auxiliam na coleta e comparação dos dados, bem como no desenvolvimento de um olhar mais amplo para as informações coletadas, o que contribui demasiadamente em minha formação como profissional médica.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Pediatria, Qualidade de vida, Criança, Educação Médica.

AGRADECIMENTOS: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos-SP (HU-UFSCar), Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH).

CÓDIGO 22

PROJETO PILOTO DE UM DIÁRIO DE DOR PEDIÁTRICA COM O AUXÍLIO DE SISTEMA DIGITAL E BASEANDO-SE NO PACIENTE: APLICATIVO APDOR - AGENDA PEDIÁTRICA DA DOR

João Paulo Borges Bispo, Thainara Pereira da Silva, Isabela Rodrigues Bueno de Camargo Pereira, Priscila Correia Fernandes, Gustavo Dal Evedove Pironi, María Sagrario Gómez-Cantarino, Paula Gonçalves Bras, Laura Zanutto, Cristina Ortiz Sobrinho Valet, Cristina Helena Bruno e Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: joaobispo@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Departamento de Medicina (DMed) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: a dor pediátrica é historicamente negligenciada. Com o intuito de valorizar a criança e seus sentimentos, novas estratégias devem ser criadas para que a dor seja avaliada de maneira eficaz, valorizando o indivíduo como único, subjetivo e complexo. **OBJETIVO:** desenvolver o projeto piloto de um aplicativo que tem como funcionalidade principal a avaliação longitudinal e autorrelatada da dor em crianças através de um diário eletrônico.

METODOLOGIA: após aprovação do comitê de ética, foi elaborado o aplicativo móvel APDor (Agenda Pediátrica da Dor) com funcionalidade de diário eletrônico da dor: paciente insere informações diárias as quais os profissionais de saúde têm acesso. Para validar as informações, crianças de 8 a 12 anos foram convidadas: realizaram um relato em folha de papel e outro no aplicativo. Os dados foram correlacionados para entender a validade das informações submetidas no APDor. **RESULTADOS:** participaram 6 crianças com idades entre 8 a 12 anos. Os pesquisadores explicaram sobre o diário de dor convencional e o APDor. As crianças realizaram os relatos nos dois meios, os quais demonstraram similaridade. As mesmas manifestaram interesse pelo o APDor visto seu formato digital, acessibilidade, uso pessoal e fácil usabilidade. **CONCLUSÃO:** mesmo estando em fase de conclusão, o projeto piloto do APDor já demonstra resultados congruentes. O passo final, em execução, é convidar as crianças para uma conversa sobre sua experiência com o aplicativo.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Pediatria, Qualidade de vida, Tecnologias em saúde, Educação médica.

BIBLIOGRAFIA:

BELTRAMINI, A., MILOJEVIC, K., PATERON, D. Pain Assessment in Newborns, Infants, and Children. *Pediatric Annals*, v. 46, n. 10, out. 2017. BARBOSA, S. M. DE M., MICHALOWSKI, M. B. Dor na Faixa Etária Pediátrica. Em: *Tratado de Pediatria*. 5. ed. Barueri, SP: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022. v. 2p. 1474–1480.

AGRADECIMENTOS: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos-SP (HU-UFSCar), Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH).

CÓDIGO 21

EXPERIÊNCIA COM A AURICULOTERAPIA PARA O TRATAMENTO DA ANSIEDADE

Laura Zanutto, Flávia Guimarães Cardoso, Letícia Rodrigues Inácio, Mariana Teresa S. Martins, Viviane S. Tamura e Henrique D. C. Gonçalves

E-MAIL DE CONTATO: laura.zanutto@uscsonline.com.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

INTRODUÇÃO: A aprovação das terapias integrativas no SUS abriu alternativas complementares para auxiliar os tratamentos convencionais embasados nos princípios norteadores do SUS: a integralidade. **OBJETIVO:** Analisar a experiência com a auriculoterapia no tratamento da ansiedade de funcionários de uma Unidade Básica de Saúde do município de São Caetano do Sul. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo utilizando o Beck Anxiety Inventory antes e após a aplicação da auriculoterapia, além de entrevista com perguntas abertas disparadoras, para compreender a experiência do indivíduo frente ao tratamento. Justifica-se este estudo pelo alto índice de pacientes com ansiedade e incentivo do Ministério da Saúde para utilização das práticas integrativas. **RESULTADOS:** Dez integrantes participaram no estudo, acompanhados durante dez semanas consecutivas, totalizando dez sessões de auriculoterapia. Os resultados condizem com os estudos de base, já que houve redução da ansiedade conforme a comparação das pontuações iniciais e finais do questionário de Beck, além da análise das entrevistas que demonstrou diminuição da ansiedade, do estresse, da compulsão e da insônia, bem como evidenciou a importância da auriculoterapia ser amplamente ofertada pelo SUS. **CONCLUSÃO:** É notório a melhora na qualidade de vida dos participantes adultos da pesquisa. Logo, infere-se que esta prática seja ampliada e estudada como terapia disponibilizada a outros públicos-alvo, como o pediátrico.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade, Auriculoterapia e Terapia Integrativa.

BIBLIOGRAFIA:

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Methods for the Human Sciences. USA: Sage Publications, 2008. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas no SUS. Ministério da Saúde, 2ª edição. KUREBAYASHI, Leonice F. S., Turrini RNT, Souza Talita PB, Marques CF, Rodrigues RTF, Charlesworth K. Auriculotherapy to Reduce Anxiety and Pain in Nursing Professionals: a Randomized Clinical Trial. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2017;25: e 2843.

CÓDIGO 17

UM DIÁRIO DE DOR PEDIÁTRICA COM O AUXÍLIO DE UM SISTEMA COMPUTACIONAL E BASEANDO-SE NO PACIENTE: UMA PARCIAL DA VALIDAÇÃO DO APLICATIVO APDOR

Thainara Pereira da Silva, João Paulo Borges Bispo, Isabela Rodrigues Bueno Camargo Pereira, Priscila Correia Fernandes, Gustavo Dal Evedove Pironi, María Sagrario Gómez-Cantarino, Paula Gonçalves Bras, Cristina Ortiz Sobrinho Valet, Cristina Helena Bruno e Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: thainarapereira@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: A dor é uma experiência única, relacionada com o ambiente e a bagagem sociocultural, sendo assim, é subjetiva da pessoa, sobretudo da criança, que pode não conseguir se expressar com clareza em algumas ocasiões. Apesar de frequente a queixa de dor pediátrica, ela é negligenciada nos serviços de saúde, sendo necessária uma avaliação holística e longitudinal, de como essa dor impacta na vida, valorizando a experiência individual e buscando maneiras eficazes de reduzir esse desconforto. **OBJETIVO:** Avaliar a dor pediátrica por meio de um aplicativo chamado APDor, permitindo um auto relato da experiência do paciente. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma parcial de um projeto de validação de um aplicativo para avaliação de dor em crianças de 8 a 12 anos que se chama Agenda Pediátrica da Dor (APDor). Ele busca avaliar, por meio de um estudo observacional, exploratório-descritivo e transversal, a dor individual e sistematicamente já tendo passado por sua fase piloto. **RESULTADOS:** Até o momento foram avaliadas 6 crianças, que utilizaram tanto o APDor, como uma avaliação tradicional em folha impressa. Elas relataram gostar do aplicativo e sua funcionalidade. A pesquisa irá aumentar a coleta de dados, assim podendo ser realizadas análises de validação futuras. **CONCLUSÃO:** O APDor vem como uma proposta atual para a análise global e holística da dor pediátrica, necessitando de mais pacientes para sua validação. Mesmo assim, já se percebe, pela fala dos usuários, que é uma boa saída.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Pediátrica, Crianças, Cuidados Paliativos.

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, S. M. DE M., MICHALOWSKI, M. B. Dor na Faixa Etária Pediátrica. Em: Tratado de Pediatria. 5. ed. Barueri, SP: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022. v. 2p. 1474–1480.

DOR PEDIÁTRICA: FISILOGIA, AVALIAÇÃO E FARMACOLOGIA TUTORIAL DE ANESTESIA DA SEMANA. Sociedade Brasileira de Anestesiologia. Disponível em: https://tutoriaisdeanestesia.paginas.ufsc.br/files/2013/07/Dor_pedi%C3%A1trica.pdf. Acesso em: 05 de março de 2024.

CÓDIGO 18

HUMANIZAR O CUIDADO ATRAVÉS DO TRATAMENTO NÃO FARMACOLÓGICO DA DOR INFANTIL: SABERES DE GRADUANDOS EM MEDICINA - UMA PARCIAL

Lucas Pereira Liberal, Ricardo Patrezi Zanatta, Cristina Ortiz Sobrinho Valete, Rodrigo Bezerra de Menezes Reiff, Cristina Helena Bruno, María Sagrario Gómez-Cantarino, Esther Angélica Luiz Ferreira

E-MAIL DE CONTATO: lucasliberal@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: Uma vez que o tratamento da dor na criança é considerado essencial, devendo ser feito de maneira adequada e holística, mas que atualmente esse cuidado ainda é negligenciado no ensino e na assistência, é importante compreender quais estratégias são conhecidas para o manejo dessa dor, especialmente as estratégias não farmacológicas. O objetivo deste trabalho é responder à pergunta: qual o entendimento dos alunos de medicina de uma universidade federal sobre tratamentos não medicamentosos da dor em crianças?

METODOLOGIA: Após aprovação do Comitê de Ética, foram convidados estudantes de medicina do 2º ao último ano para responderem um questionário sobre o tema. Após, foi realizado análise estatística com significância de 5%. **RESULTADOS:** 89 alunos participaram da pesquisa, 44,1% do sexo masculino e 55,9% do sexo feminino. 37,6% discordam da afirmação que as intervenções não farmacológicas são mais eficazes para o controle da dor leve a moderada, o que indica a falta de conhecimento dos estudantes em saber em que momento utilizar a analgesia não medicamentosa. 66,7% dos entrevistados discordam que a formação sobre dor aguda e seu manejo é suficiente na graduação, corroborando com tal afirmação. **CONCLUSÃO:** Existem lacunas no conhecimento dos estudantes sobre tratamentos não farmacológicos da dor em pediatria. Dessa forma, devem ser fomentadas medidas educacionais sobre o tema, a fim de subverter tal cenário.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Pediatria, Práticas não farmacológicas, Criança.

BIBLIOGRAFIA:

ANAND, KJ, CARR, DB. The neuroanatomy, neurophysiology, and neurochemistry of pain, stress, and analgesia in newborns and children. *Pediatric Clin North Am.* 1989;36(4):795-822.

FACCIOLI, SC et al. The management of pediatric pain and the perception of the nursing team in light of the Social Communication Model of Pain. *BrJP* [online]. 2020;3(1)37-41.

SILVA, APM, BALDA, RCX, GUINSBURG, R. Reconhecimento da dor no recém nascido por alunos de medicina, residentes de pediatria e neonatologia. *Revista Dor.* 2021;13(1),35-44.

AGRADECIMENTOS: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

CÓDIGO 20

AVALIAÇÃO DA DOR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM SÍNDROME DE DOWN NO BRASIL: RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Letícia Sayuri Takahashi Novais, Sophia Elisa da Silva Vicente, Rita Gonçalves, Esther Angélica Luiz Ferreira, Cristina Ortiz Sobrinho Valete

E-MAIL DE CONTATO: leticia.takahashi@estudante.ufscar.br

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

INTRODUÇÃO: A Síndrome de Down é a alteração genética mais frequente em humanos. Estas pessoas podem ter diferenças na percepção de dor, em decorrência de alterações na condução nervosa e do limiar de dor. **OBJETIVO:** Identificar as práticas acerca da avaliação da dor em crianças e adolescentes com Síndrome de Down no Brasil. **METODOLOGIA:** Estudo do tipo revisão integrativa (PROSPERO CRD42023412358). Foram identificados os conceitos associados à pergunta norteadora (crianças e adolescentes, avaliação da dor, síndrome de Down e Brasil), e a estratégia de busca foi aplicada na BVS, MEDLINE (via PubMed), Embase, Web of Science, CINAHL, PEDro, e catálogo de teses da CAPES, sem limite de data. **RESULTADOS:** Foram captados 134 artigos, excluídos 131 (35 duplicatas, 96 por ser outra população ou desfecho). Foram incluídos 3, publicados de 2016 a 2023, com pacientes de idade entre 9 e 18 anos e referiam-se a dor orofacial, abdominal e a percepção dos cuidadores acerca da dor de natureza ginecológica. A frequência de dor variou de 31,2% a 66,6%. Apenas um artigo usou escala de dor, sendo esta validada e traduzida para o português, a Axis I (dor associada a disfunção temporomandibular). **CONCLUSÃO:** A frequência de dor foi expressiva, sendo avaliada frequentemente sem uso de escalas. Considerando que somente aqueles que sentem dor podem manifestar sua gravidade e alívio, é essencial a mudança das práticas de avaliação da dor nestes pacientes no Brasil, pois estas são frágeis.

PALAVRAS-CHAVE: Dor aguda, Síndrome de Down, Criança, Adolescente.

BIBLIOGRAFIA:

Brandt BR, ROSÉ I. Impaired peripheral somatosensory function in children with Down Syndrome. *Neuropediatrics*, Nova Iorque, v. 26, p. 310-312, 1995.

CÓDIGO 23

HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO NA UTI NEONATAL E O USO DA ESCALA N-PASS EM NEONATOS PREMATUROS

Mariana Barbosa Ferreira Albers, Evelin Daiane Cruz Medrado, Carina Câmara Honorato, Isabella Cristina Santos de Lucca Fabri, Rosana Mattos Smirne

E-MAIL DE CONTATO: maryenfermeira@gmail.com

INSTITUIÇÃO PRINCIPAL: Maternidade Gota de Leite – Araraquara – Fundação Municipal Irene Siqueira Alves – Vovó Mocinha

INTRODUÇÃO: Em busca de aprimorar cuidados humanizados na UTI neonatal, as enfermeiras de uma instituição municipal decidiram, juntamente com a equipe médica, realizar escala para avaliação de dor no neonato. Diante de várias pesquisas frente a qual deveria ser a escala mais apropriada para avaliação da dor, escolheu-se trabalhar com a escala N-PASS. Desenvolvida para avaliar a dor no neonato, quanto a expressões e atitudes, apresentadas. São avaliadas sob duas condições, dor/agitação e sedação. Para a identificação, são analisados cinco critérios: choro/irritabilidade, estado comportamental, expressão facial, tônus das extremidades e sinais vitais. Sendo identificado o paciente com dor quando pontuação superior a três pontos. Segundo a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) a dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a dano tecidual real e potencial. É importante ressaltar que a incapacidade da manifestação verbal não pode ser interpretada, pelo recém-nascido. Conforme afirma a própria IASP, a incapacidade de se comunicar verbalmente não nega a possibilidade de que um indivíduo esteja sentido dor e de que necessite de tratamento apropriado para seu alívio.¹ A dor é extremamente frequente nas unidades de terapia intensiva neonatal, pois a maioria dos recém-nascidos são expostos a dor por diversas vezes ao dia. Mesmo recém-nascidos prematuros extremos e criticamente doentes, assim como os de qualquer idade gestacional, são capazes de sentir dor. A exposição frequente à dor leva a repercussões fisiológicas e comportamentais que podem aumentar a morbidade e a mortalidade em curto e médio prazo, como também gerar consequências no desenvolvimento do sistema nociceptivo e neurológico em longo prazo. Frente a isso se mostra a necessidade do uso de escalas de avaliação da dor no período neonatal.² **OBJETIVO:** Realizar a escala para identificar qual melhor analgesia ou necessidade de sedação ao recém-nascido prematuro, evitando o uso excessivo de analgésicos aqueles menores de 32 semanas e poder utilizar medidas não farmacológicas. **METODOLOGIA:** Foram realizadas revisões bibliográficas, com uso de pesquisa em plataformas digitais, sendo frequentemente utilizadas, google acadêmico, bireme, Pubmed, utilizando os descritores: “dor e neonatal” onde foram encontrados 30 artigos, entre estes, teses e capítulos de livros. Foram utilizados 9 artigos para descrição do documento para instituição, procedimento operacional padrão, identificando-se que a melhor escala para ser aplicada, seria a N-PASS. Após a pesquisa, foi descrito o procedimento conforme solicitação da instituição, para iniciar a aplicação da escala. **RESULTADOS:** iniciou-se a aplicação da escala em recém nascidos prematuros e neonatos até 40 semanas, onde os scores são realizados pela enfermeira a cada 6 horas. Nestes identifica-se a necessidade ou não de atuação com meios não farmacológicos e a necessidade de uso de fármacos em casos de alteração da escala. Diante dessa escala, as enfermeiras identificaram meios não farmacológicos, como uso de sucção não nutritiva

junto a dedo enluvado, durante procedimento, bem como uso de glicose em pequenas doses (gotas),³ além do uso de luva de marca Zaky® para poder acalentar os bebês e lhes trazer maior segurança, e por último e não menos importante, o uso de polvos de crochê para acalmar o lactente quando o mesmo encontra-se agitado. **CONCLUSÃO:** perante a todos os itens encontrados pelas enfermeiras, como meios de minimizar a dor neonatal, foram identificados diversos que trazem o conforto, como o acalento e a conversa da mãe com o recém nascido, assim como o “Canguru”, método utilizado para auxiliar no desenvolvimento e melhora do neonato. A escala continua a ser aplicada e foi observado diminuição da dor e do uso de analgésicos após sua implantação.

PALAVRAS-CHAVE: Dor, Neonato, Uti Neonatal, Escala, Humanização.

BIBLIOGRAFIA:

1. BALDA, RITA de CÁSSIA XAVIER, GUINSBURG, RUTH, A linguagem da dor no recém-nascido, Sociedade Brasileira de Pediatria, 2018, Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/DocCient-Neonatal-Linguagem_da_Dor_atualizDEz18.pdf
2. MARINHO, MARIA DE FÁTIMA JUNQUEIRA, et al, Diretriz para prevenção e manejo da dor aguda por procedimentos dolorosos no período neonatal, Fiocruz Instituto Nacional de saúde da mulher da criança e do adolescente Fernandes Figueira, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/iff/fiocruz-lanca-e-book-sobre-manejo-de-dor-em-recem-nascido>.
3. EIDELMAN, ARTHUR I., Minimizing neonatal pain: The comparative efficacy of breastfeeding, breast milk, and other nonpharmacologic measures, breastfeeding Medicine, volume 19, n2, 2024. Disponível em: https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/bfm.2024.29265.editorial?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed

ÍNDICE DE AUTORES/AS

A

Nome	Código
Albers, MBF	23
Aquino, VM	03
Areco, NM	11, 09

B

Nome	Código
Barbosa, SMM	01
Bispo, JPB	19, 22, 17
Bras, PG	16, 22, 17
Brito, CAR	07
Brunetto, AL	12
Bruno, CH	01, 05, 13, 14, 22, 17, 18

C

Nome	Código
Cardoso, FG	21
Castro, ACP	01
Chiuratto, BC	04, 15
Costa, GA	01

F

Nome	Código
Fabri, ICSL	23
Fernandes, PC	01, 22, 17
Fernandes, V	11, 09
Ferreira, EAL	01, 07, 05, 03, 08, 13, 16, 14, 19, 22, 17, 18, 20
Foletto, VGB	12

G

Nome	Código
Gallego, PB	09
Germanin, AFS	12
Gómez-Cantarino, MS	01, 14, 22, 17, 18
Gonçalves, HDC	21
Gonçalves, R	20
Gregianin, LJ	12
Guimarães, YY	04, 15

H

Nome	Código
Honorato, CC	23

I

Nome	Código
Iglesias, SBO	01
Inácio, LR	21
Indicatti, CS	12

L

Nome	Código
Lacerda, AF	01
Liberal, LP	01, 14, 18
Lino, EAA	10
Longo, LR	11, 09
Lourenço, MF	01

M

Nome	Código
Manzini, MFP	13
Martins, MTS	21
Medrado, EDC	23
Menegazzo, LS	06
Menegussi, JM	01
Menezes, MS	06
Molinari, PCC	01

N

Nome	Código
Nóbrega, VT	12
Novais, LST	04, 15, 20

P

Nome	Código
Paludetti, FS	05
Pereira, ABS	01
Pereira, IRBC	22, 17
Pereira, IRBDC	19
Pironi, GDE	22, 17

R

Nome	Código
Ramos, LB	11, 09
Reiff, RBM	01, 13, 18
Reiff, RMB	14
Rocha, CMS	11, 09
Rosa, VPP	12
Rotolo, IMM	04, 15

S

Nome	Código
Sabarrros, VR	12
Saciloti, IP	10
Sanches, AM	01, 08
Sarracini, MR	01, 13, 14
Silva, CSC	03
Silva, TP	01, 16, 19, 22, 17
Smirne, RM	23
Stefane, CA	04, 15

T

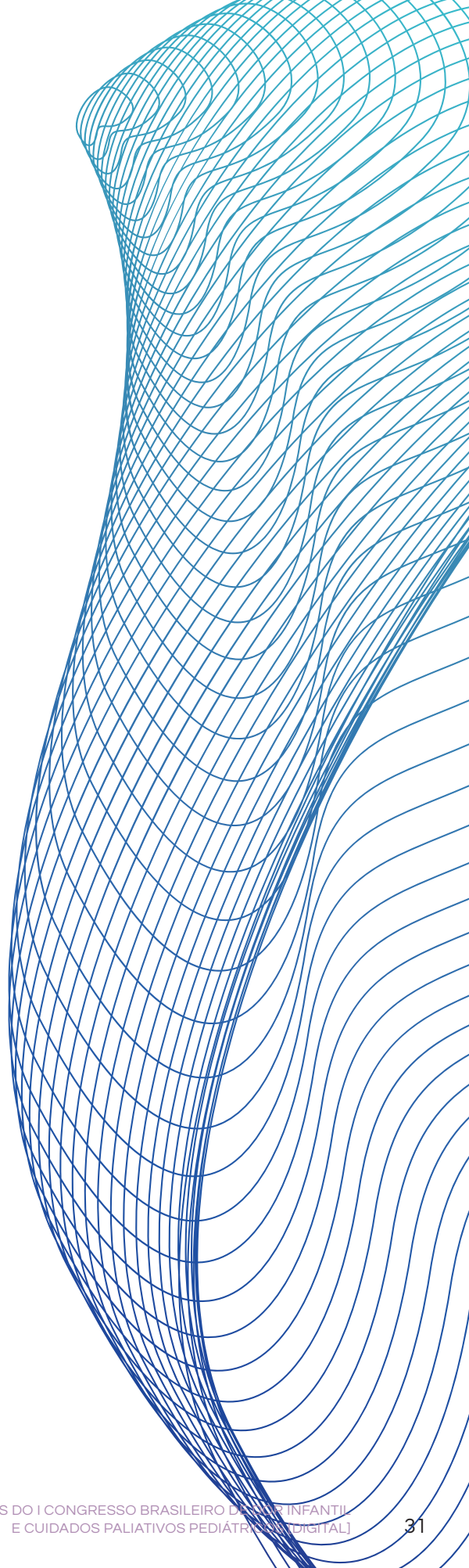
Nome	Código
Tamura, VS	21
Teixeira, LG	04, 15

V

Nome	Código
Valete, COS	01, 08, 13, 14, 22, 17, 18, 20
Vicente, SES	20
Vieira, BO	04, 15

Z

Nome	Código
Zanatta, RP	01, 14, 18
Zanutto, L	22, 21



ISBN: 978-65-00-96686-2

CPL



9 786500 966862